

METATRIANGULAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DE TEORIAS A PARTIR DE MÚLTIPLOS PARADIGMAS

RESUMO

As abordagens multiparadigmáticas auxiliam a exploração de fenômenos particularmente complexos e paradoxais ao ajudarem os teóricos a utilizar perspectivas teóricas distintas. Neste artigo desenvolvemos um extenso guia de modelos multiparadigmáticos e depois relacionamos suas diferentes abordagens em uma estratégia de metatriangulação na construção de teorias. Nosso processo se volta aos desafios que os teóricos enfrentam ao selecionarem temas de pesquisa, ao coletarem e analisarem os dados, e ao criarem e avaliarem as teorias resultantes utilizando múltiplos paradigmas. Uma discussão final sobre as vantagens, limitações e aplicações potenciais da metatriangulação a posiciona no campo da teoria organizacional.

Marianne W. Lewis

University of Cincinnati

Andrew J. Grimes

University of Kentucky

ABSTRACT *Multiparadigm approaches aid exploration of particularly complex and paradoxical phenomena by helping theorists employ disparate theoretical perspectives. In this article we provide an extensive guide to multiparadigm exemplars and then link their varied approaches within a metatriangulation theory-building strategy. Our process addresses the challenges theorists face as they select a research topic, collect and analyze data, theorize, and evaluate resulting theory using multiple paradigms. A concluding discussion of the advantages, limitations, and potential applications of metatriangulation positions it within the wider realm of organization theory.*

PALAVRAS-CHAVE Paradigma, construção de teoria, metatriangulação, teoria das organizações.

KEYWORDS *Paradigm, build theory, metatriangulation, organizational theory.*

INTRODUÇÃO

Há duas décadas, Burrell e Morgan (1979) imergiram em uma série de tentativas de caracterização dos paradigmas empregados na teoria organizacional (e.g. Pondy e Boje, 1981; Zey-Ferrell e Aiken, 1981). Tais esforços passaram a sensibilizar os teóricos para a noção de paradigmas – premissas, práticas e concordâncias numa comunidade acadêmica – e a legitimar alternativas que não estavam em evidência. Embora o positivismo funcionalista permaneça dominante, os teóricos, cada vez mais, têm baseado seus trabalhos em paradigmas mais críticos e interpretativos. O resultado é um campo vibrante, com visões teóricas distintas que podem enriquecer a compreensão da complexidade, da ambigüidade e dos paradoxos organizacionais. Contudo, a “mentalidade paradigmática” atualmente difundida simultaneamente prolifera e polariza perspectivas, inibindo freqüentemente o discurso sobre os paradigmas, predispondo os teóricos contra explicações opostas às suas, e incentivando o desenvolvimento de teorias bairristas (Bouchikhi, 1998; Reed, 1996). Conforme previram Pondy e Boje (1981, p. 4), a teoria organizacional enfrenta um problema extremo: “como conduzir investigações baseadas em vários paradigmas”.

Ao reconhecerem esse desafio, Poole e Van de Ven (1989, p. 563) propuseram que os pesquisadores “busquem tensões ou oposições teóricas e as utilizem como estímulos ao desenvolvimento de teorias mais abrangentes”. Os autores viram paradigmas conflitantes como paradoxos da teoria organizacional, enfatizando facetas contraditórias porém entrelaçadas de fenômenos complexos. Pouco depois, Gioia e Pitre (1990) detalharam as diferenças na construção de teorias sobre paradigmas e defenderam a metatriangulação: uma estratégia de aplicação da diversidade paradigmática para promover maior entendimento e criatividade. Como resposta, testemunhamos, nas últimas décadas, a incorporação de modelos multiparadigmáticos (e.g. Bradshaw-Camball e Murray, 1991; Graham-Hill, 1996; Grimes e Rood, 1995; Grint, 1991; Hassard, 1991; Martin, 1992; Reed, 1997; Schultz e Hatch, 1996; Spender, 1998; Weaver e Gioia, 1994; Willmott, 1993; Ybema, 1996).

Contudo, a investigação multiparadigmática ainda é provocativa, pois os debates sobre a comensurabilidade e o valor dos paradigmas múltiplos continuam a existir e se intensificam (veja *Organization*, 1998). Alguns funcionalistas lamentam a proliferação “anárquica” de paradigmas, defendendo a existência de um paradigma dominante, que promova a influência acadêmica e política da teoria organizacional (e.g. Donaldson, 1985; Pfeffer,

1997). Ao mesmo tempo, muitos pós-modernistas criticam a hegemonia paradigmática, defendendo estratégias do tipo “vale-tudo”, mais alinhadas a discursos organizacionais ecléticos (e.g. Deetz, 1996; Feyerabend, 1975).

Em contrapartida, a investigação multiparadigmática contribui como um ponto de equilíbrio entre o dogmatismo e o relativismo (Scherer, 1998); e acreditamos que oferece um potencial enorme e ainda não realizado para a construção de teorias. Os teóricos multiparadigmáticos vêem os paradigmas como heurísticos, capazes de ajudar os acadêmicos a explorarem as complexidades teóricas e organizacionais, e de estenderem o escopo, a relevância e a criatividade da teoria organizacional. Entretanto, as abordagens multiparadigmáticas existentes são ambíguas e fragmentadas. Estudos empíricos apresentam freqüentemente poucos detalhes metodológicos, e os trabalhos raramente constroem teorias (e.g. Bradshaw-Camball e Murray, 1991; Graham-Hill, 1996), ao passo que as descrições teóricas contribuem com técnicas abstratas e quase nunca exemplificam as utilizações (e.g. Gioia e Pitre, 1990; Grimes e Rood, 1995).

O objetivo deste artigo é auxiliar os teóricos na aplicação de interpretações de paradigmas múltiplos, apresentando um processo claro e ilustrado para a construção de teorias conhecido como metatriangulação. Inicialmente, revemos a literatura sobre os multiparadigmas, apresentando um guia dos modelos e de suas várias abordagens. Interligamos então as abordagens de multiparadigmas existentes em uma coesa estratégia de construção de teorias para a exploração de visões teóricas divergentes, desafiando premissas consideradas corretas e retratando as organizações sob novos enfoques. Para proporcionar um mapa útil ao processo de construção de teorias, comparamos cada estágio da metatriangulação às atividades indutivas tradicionais e utilizamos um estudo de tecnologia de produção avançada (TPA) como ilustração do processo na prática. Após tratarmos das vantagens e limitações, e sugerirmos aplicações futuras para a metatriangulação, concluímos com uma discussão sobre suas implicações na construção de teorias, posicionando-a no campo da teoria organizacional.

INVESTIGAÇÃO MULTIPARADIGMÁTICA: UM GUIA DE MODELOS

Muitos acadêmicos analisaram o debate sobre os paradigmas, notando o surgimento da investigação multiparadigmática (e.g. Deetz, 1996; Reed, 1996; Scherer, 1998). Entretanto, exames completos dessa diversificada e cres-

cente literatura ainda são escassos (para uma breve e esclarecedora visão geral, veja Schultz e Hatch, 1996). Para contribuir com um útil guia de modelos, distinguiamos três abordagens: 1) revisões multiparadigmáticas; 2) pesquisa multiparadigmática; e 3) construção multiparadigmática de teorias. Utilizamos o termo “multiparadigmáticas” para denotar perspectivas paradigmáticas distintas, e “metaparadigmática” para uma visão mais holística, que vai além das distinções paradigmáticas, revelando assim as disparidades e complementaridades.

As revisões multiparadigmáticas envolvem o reconhecimento de agrupamentos e de ligações entre as teorias existentes (por exemplo, caracterizando paradigmas X e Y), ao passo que a pesquisa multiparadigmática envolve a utilização empírica de lentes paradigmáticas (X e Y) na coleta e análise de dados, e no cultivo de suas diversas representações sobre os fenômenos organizacionais. Finalmente, na construção multiparadigmática de teorias, os teóricos se esforçam em sobrepor e entrelaçar interpretações de paradigmas conflitantes (X e Y) em um novo entendimento (Z). Revemos essas abordagens, discutimos seus objetivos e suas técnicas variadas, e detalhamos sua utilização na seção subsequente sobre metatriangulação. O Quadro 1 sumariza as abordagens e seus modelos.

Revisões multiparadigmáticas

Nas revisões multiparadigmáticas, os pesquisadores procuram revelar o impacto da ênfase a algumas premissas muitas vezes dadas como certas pelos teóricos em suas interpretações sobre fenômenos organizacionais. Duas técnicas – o agrupamento e a ligação de paradigmas – auxiliam freqüentemente os revisores. O “agrupamento de paradigmas” requer a diferenciação entre os variados conjuntos de premissas. Hassard (1991) explicou que os teóricos “agrupam” as premissas dos paradigmas para se familiarizar com elas, e aplicar as tradições, linguagens e métodos de um paradigma específico. Esses agrupamentos permitem que os teóricos ignorem determinados aspectos de fenômenos complexos e foquem facetas e questões de interesse particular (Weaver e Gioia, 1994). Na investigação multiparadigmática, o agrupamento de paradigmas explicita premissas divergentes, determinando assim distinções paradigmáticas, e facilitando o conhecimento, a utilização e a crítica de perspectivas alternativas.

O agrupamento de paradigmas teve origem nas primeiras tentativas de distinção e legitimação de premissas paradigmáticas menos convencionais (e.g. Pondy e Boje, 1981; e Zey-Ferrell e Aiken, 1981). Burrell e Morgan (1979), por exemplo, definiram os paradigmas como ideo-

logias, ontologias, epistemologias e metodologias firmemente combinadas, que conduzem os modos de análise organizacional. A tipologia deles lista quatro paradigmas pela polarização de premissas sobre a natureza das ciências sociais (objetividade/subjetividade) e da sociedade (regulação/mudança radical). A objetividade pressupõe a existência de uma realidade externa, com relações deterministas e previsíveis, enquanto a subjetividade presume limites contextuais e construções sociais mutáveis. A regulação pressupõe relações sociais harmônicas e ordenadas, ao passo que a mudança radical presume assimetrias de poder e conflitos. Burrell e Morgan (1979) categorizaram as teorias existentes em sua tipologia para demonstrar que premissas diferentes sustentam visões oponentes (para discussões detalhadas sobre a tipologia, veja Deetz, 1996; Gioia e Pitre, 1990).

Embora a tipologia de Burrell e Morgan seja um modelo proeminente de agrupamento de paradigmas, alguns modelos desfazem os contornos paradigmáticos para apresentar os diversos debates e metáforas existentes na teoria organizacional (e.g. Astley e Van de Ven, 1983; Morgan, 1997; Reed, 1996). Nessas revisões, os pesquisadores criticam o provincianismo e a parcialidade, encorajando os teóricos a refletir sobre o foco e as limitações das várias lentes paradigmáticas. Por exemplo, Smircich (1983) e Grint (1991) agrupam as visões de cultura e tecnologia, respectivamente, para destacar a existência de entendimentos igualmente viáveis, porém limitados. Alvesson (1987) analisou três perspectivas da vida organizacional. Sua revisão demonstra como diferentes “modelos referenciais interpretativos” sensibilizam os teóricos para que determinem conceitos e questões, e fomentem interpretações divergentes sobre qualidade, degradação e auto-regulação do trabalho.

A segunda técnica de revisão – “ligação de paradigmas” – propõe zonas de transição: visões teóricas que liguem os paradigmas. Nos modelos, os acadêmicos atestam que, embora as premissas paradigmáticas possam ser conflitantes, os limites paradigmáticos são vagos, e potencialmente permeáveis (e.g. Willmott, 1993). Por exemplo, Gioia e Pitre (1990) explicam que o estruturalismo não separa os processos de estruturação da formalização de estruturas. Pelo contrário, defende que os agentes utilizem regras e normas geradoras para produzir a estrutura, o que, por sua vez, influencia e restringe as atividades de estruturação.

A teoria das zonas de transição, assim como o estruturalismo, não são metaparadigmas em si; eles fomentam representações unidimensionais que integram interpretações paradigmáticas e enfatizam similaridades en-

tre os paradigmas, podendo privilegiar algum lado numa situação dualista (isto é, uma distinção entre um ou outro, como estrutura ou ação, objetividade ou subjetividade; Reed, 1997; Schultz e Hatch, 1996). De acordo com Cock, Rickards, Weaver e Gioia (1995), o estruturalis-

mo não permite a coexistência de diferenças paradigmáticas em nível elevado e metaparadigmático, mas opera numa zona cinzenta entre os paradigmas, na qual as ações e estruturas são processos mutuamente influentes. A descoberta de zonas de transição, contudo, demonstra

Quadro 1 – Abordagens e modelos multiparadigmáticos

MODELO	TÉCNICAS	FENÔMENOS DE INTERESSE	RESULTADOS
Revisões multiparadigmáticas			
Alvesson (1987)	Agrupamento	Trabalho	Quadros interpretativos
Astley e Van de Ven (1983)	Agrupamento	Teoria organizacional	Debates
Morgan (1983)	Agrupamento	Métodos de pesquisa	Formas de comprometimento
Morgan (1997)	Agrupamento	Organizações	Metáforas e imagens
Reed (1996)	Agrupamento	Estudos organizacionais	Narrativas analíticas
Smircich (1983)	Agrupamento	Cultura	Programas de pesquisa
Gioia e Pitre (1990)	Agrupamento e ligação	Construção de teorias; estruturas	Paradigmas; teoria das zonas de transição e estruturalismo
Grint (1991)	Agrupamento e ligação	Tecnologia	Debates; teoria das zonas de transição e teoria de redes
Kaghan e Phillips (1998)	Ligação	Conhecimento	Perspectiva construtivista
Weaver e Gioia (1993)	Ligação	Estrutura	Estruturalismo
Willmott (1993)	Ligação	Processos de trabalho	Teoria radical dos processos de trabalho
Pesquisa multiparadigmática			
Bradshaw-Camball e Murray (1991)	Paralela	Política organizacional	Visão trifocal
Graham-Hill (1996)	Paralela	Estratégia para pequenas empresas	Quatro estudos de casos
Hassard (1991)	Paralela	Organização do trabalho	Quatro estudos empíricos
Martin (1992)	Paralela	Cultura	Três modelos perspectivistas
Gioia, Donnellon e Sims (1989)	Seqüencial	Escrita cognitiva	Estudos objetivo-subjetivos
Gioia e Thomas (1996)	Seqüencial	Mudança estratégica	Estudos subjetivo-objetivos
Lee (1991)	Seqüencial	Organizações	Estratégia seqüencial
Sutton e Rafaeli (1988)	Seqüencial	Demonstrações emocionais	Estudo triangulado
Construção de teorias multiparadigmáticas			
Gioia e Pitre (1990)	Metateorização	Estrutura organizacional	Inversões de conjecturas
Grimes e Rood (1995)	Metateorização	Epistemologia local	Epistemologias de ligações
Morgan (1983)	Metateorização	Métodos de pesquisa	Conversas reflexivas
Poole e Van de Ven (1989)	Metateorização	Estrutura	Estratégias paradoxais
Bouchikhi (1998)	Interação	Paradoxos organizacionais	Tensões dialéticas
Clegg (1990)	Interação	Poder	Teorias metaparadigma
Gaventa (1980)	Interação	Poder	Teorias metaparadigma
Reed (1997)	Interação	Estrutura-ação	Ontologia estratificada
Schultz e Hatch (1996)	Interação	Cultura	Interação de paradigmas
Spender (1998)	Interação	Conhecimento	Epistemologia pluralista
Ybema (1996)	Interação	Cultura	Teoria metaparadigma

as possibilidades e o valor da comunicação entre paradigmas, podendo auxiliar os teóricos a compreenderem “como os fenômenos em questão podem ser, legitimamente, submetidos a várias estratégias de pesquisa e ainda permanecer relacionados a uma classe de fenômenos” (Weaver e Gioia, 1994, p. 577).

Pesquisa multiparadigmática

Os acadêmicos da pesquisa multiparadigmática vão além das revisões existentes na literatura e utilizam empiricamente as lentes de paradigmas divergentes. Ao conduzirem estudos paralelos ou seqüenciais, os teóricos utilizam paradigmas múltiplos (seus métodos e seus respectivos focos) na coleta e na análise de dados, e no cultivo das variadas representações de um fenômeno complexo. Os “estudos paralelos” preservam os conflitos teóricos ao descreverem as vozes, imagens e os interesses organizacionais ampliados por lentes em oposição. Os modelos representam respostas ao convite de Morgan (1983) para estudos de casos multifacetados, similares às considerações de Allison (1971) sobre a Crise dos Mísseis em Cuba, porém baseadas em premissas mais contrastantes (e.g. Bradshaw-Camball e Murray, 1991; Martin, 1992). Hassard (1991), por exemplo, em seu estudo de caso sobre o British Fire Service (Serviço de Incêndio Britânico), viu a organização por meio das quatro “câmeras analíticas” propostas por Burrell e Morgan (1979). Seguindo Wittgenstein (1963), o autor apresentou as implicações resultantes como jogos de linguagem locais – discursos construídos sobre regras culturais distintas. De forma similar, Graham-Hill (1996) analisou os dados de arquivos e entrevistas abertas com o presidente de uma empresa. Utilizando os métodos de estudo de caso indicativos de cada paradigma, o autor escreveu quatro histórias que descrevem conjuntamente a complexidade e as contradições da estratégia de uma pequena empresa.

Nos “estudos seqüenciais” os pesquisadores cultivam diversas representações para informar uns aos outros, propositalmente, os resultados de um estudo sob determinado paradigma que proporcionam insumos para estudos subseqüentes. Aplicando lentes em sucessão, os teóricos procuram refinar seus pontos de vista distintos, porém complementares. Por exemplo, Gioia, Donnellon e Sims (1989) empregaram técnicas de lingüística para explorar os significados locais de um construto (escrita cognitiva), identificados em um estudo funcionalista preliminar. Lee (1991) propôs uma ordem reversa: utilizar a etnografia para descobrir os significados mantidos por agentes que experimentam um fenômeno, e depois métodos positivistas para operacionalizar, testar e generali-

zar os construtos propostos. Gioia e Thomas (1996) seguiram esse caminho para examinar a atribuição de sentidos durante mudanças acadêmicas estratégicas. Sutton e Rafaeli (1988) conduziram um estudo mais triangulado: encontraram relações inesperadas em suas análises dedutivas e utilizaram então métodos interpretativistas para identificar padrões subjacentes, variados e influenciadores das manifestações emocionais de vendedores balconistas em ambientes monótonos, contrapostos a ambientes atribulados, como direcionadores da revisão dos dados.

Construção de teorias multiparadigmáticas

A terceira abordagem multiparadigmática auxilia os teóricos na administração de suas racionalidades limitadas e, assim, na acomodação de visões opostas em uma perspectiva multiparadigmática. Um metaparadigma denota um nível de abstração elevado, no qual a “acomodação” não implica unificação ou síntese, mas, em vez disso, a habilidade de compreender diferenças, similaridades e inter-relações paradigmáticas (Gioia e Pitre, 1990). O objetivo é construir um campo de ação mais rico, holístico e contextualizado. As técnicas de “metateorização” ajudam os teóricos a explorar padrões que ligam interpretações conflitantes. Nos modelos, os pesquisadores presumem que os paradigmas apresentam verdades parciais, frequentemente enraizadas em diferentes espaços e tempos (e.g. Poole e Van de Ven, 1989). Grimes e Rood (1995) propõem tratar os paradigmas como “vozes em debate”, defendendo suas visões em busca de uma base comum. Modelados pelas “conversas” entre os divergentes métodos de pesquisa propostos por Morgan (1983), tais debates podem revelar que as lentes representam vários interesses de pesquisa, posições na hierarquia organizacional ou períodos de tempo. Essas técnicas auxiliam “testes” de metaconjecturas: proposições interpretáveis de paradigmas múltiplos. Idealmente, a sobreposição de explicações paradigmáticas pode ajudar os teóricos a explicar construtos em um nível metaparadigmático e a construir um sistema referencial teórico capaz de unir as representações contrastantes (Gioia e Pitre, 1990).

Técnicas de “interação” ajudam os teóricos a desenvolver habilidades nas teorias metaparadigmáticas e a interpretá-las. Schultz e Hatch (1996) definiram a interação como a percepção de que as interpretações e os vieses paradigmáticos se tornam mais reconhecíveis a partir de visões opostas. Destacar as contradições e as interdependências invoca uma tensão criativa capaz de inspirar os teóricos a questionar os dualismos paradigmáticos. Nos modelos, os acadêmicos propõem vários

meios de fomentar a interação, ao passo que as teorias metaparadigmáticas existentes ilustram sua utilização. Reed (1997) propôs que os teóricos adotem uma ontologia estratificada para ver as representações paradigmáticas que interagem nos níveis de abstração envolvidos. Por exemplo, Gaventa (1980) empregou as três “faces do poder” de Lukes (1974) como lentes para a construção de uma teoria multidimensional sobre a quietude. Spender (1998) defendeu o uso de uma epistemologia pluralista para avaliar como diversas formas de conhecimento se complementam e intermedeiam umas às outras. De modo similar, Clegg (1990) analisou organizações multinacionais sob “múltiplas formas de racionalidade”, fundindo perspectivas institucionais e de poder para evidenciar anomalias negligenciadas pela teoria da contingência. Bouchikhi (1998) recomendou que os teóricos vissem os conflitos como tensões dialéticas que expõem paradoxos organizacionais. Ybema (1996), por exemplo, utilizou visões opostas sobre a cultura para teorizar as dinâmicas da coesão e da fragmentação.

METATRIANGULAÇÃO: UM MAPA DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE TEORIAS

Embora na maioria dos modelos multiparadigmáticos os teóricos apliquem apenas uma das abordagens apresentadas, vemos essas abordagens como auxílios potenciais e suplementares para que os teóricos reconheçam, cultivem e acomodem as diversas interpretações paradigmáticas. Na ausência desse tipo de estratégia, elabora-se e implementa-se a visão de metatriangulação de Gioia e Pitre (1990): um processo de construção de teorias a partir de múltiplos paradigmas ligeiramente análogo ao processo de triangulação tradicional (isto é, de um único paradigma).

A descrição teórica da triangulação de Denzin (1978) nos ajuda a conceituar o processo. As fases propostas pelo autor aproximam as abordagens multiparadigmáticas: os fundamentos iniciais para a definição das perspectivas teóricas a serem utilizadas (revisão multiparadigma); uma análise de dados que utilize uma lente por vez (pesquisa multiparadigmática); e a construção de teorias para contrapor e destacar as diferentes interpretações dos dados (construção de teorias metaparadigmáticas). Denzin atestou que esse processo desafia propositalmente os teóricos a perseguir interpretações conflitantes, em vez de evitá-las ou ignorá-las. O autor defendeu ainda que visões opostas (visões diferentes mas baseadas em premissas paradigmáticas comuns) sejam

dedutivamente testadas para se determinar a “verdade”. Em contraste, a metatriangulação requer a aplicação – fiel – de paradigmas múltiplos para explorar suas disparidades e interações, e chegar assim a um entendimento ampliado e esclarecedor do fenômeno de interesse, bem como dos paradigmas empregados. Para darmos um útil mapa do processo de construção teórica, comparamos a metatriangulação às estratégias tradicionais de triangulação e apresentamos um exemplo de suas aplicações (veja o Quadro 2).

Propomos um processo semelhante à indução tradicional, mas com variações-chave, criadas para respeitar os pressupostos dos paradigmas alternativos. Ao detalhar o processo, comparamos cada estágio a atividades de estratégias conhecidas – que procuram ampliar o potencial interpretativo disponível em três fontes: a literatura existente; os dados empíricos; e a intuição dos teóricos (isto é, seu senso comum e sua experiência; e.g. Eisenhardt, 1989; Glaser e Strauss, 1967; Mintzberg, 1979; Weick, 1989). O Quadro 2 apresenta um processo sequencial ordenado; porém, assim como na indução tradicional, construir teorias a partir de paradigmas múltiplos é confuso, e está longe de ser algo esquemático. A metatriangulação na prática é altamente iterativa, já que os teóricos precisam alternar obrigatoriamente as atividades. Por exemplo, o processo começa quando os teóricos buscam uma compreensão multiparadigmática do fenômeno de interesse. Contudo, a base se expande quando os teóricos adquirem novas interpretações dos paradigmas alternativos e revisam a bibliografia adicional, para indicar temas emergentes e avaliar as teorias resultantes. De modo similar, no último estágio, os teóricos avaliam os métodos e os resultados da metatriangulação. A auto-reflexão crítica, entretanto, deve permear todo o processo. Enquanto as técnicas multiparadigmáticas podem auxiliar os teóricos a estender sua visão periférica de forma surpreendente, as teorias metaparadigmáticas resultantes são enraizadas nas premissas iniciais dos teóricos, o que exige que questionem seus vieses paradigmáticos constantemente.

Para auxiliar futuros usos da metatriangulação, apresentamos cada estágio do processo. Junto à revisão dos modelos, adicionamos um estudo de tecnologia de produção avançada (TPA). Desde sua criação, no final da década de 1970, a TPA (por exemplo, produção integrada por computadores) tem se mostrado altamente problemática e controversa, gerando mudanças desintegradoras no trabalho, nas relações sociais e nas organizações, e fomentando a utilização de lentes paradigmáticas divergentes (Alvesson, 1987; Dean, Yoon e

Susman, 1992). Os catalisadores de nosso estudo foram tanto substantivos quanto epistemológicos. Fomos conduzidos pelo desejo de compreender a complexidade da TPA, bem como dos paradigmas empregados por seus pesquisadores. Procuramos explorar perspectivas alternativas e imagens conflitantes da TPA, e construir uma teoria metaparadigmática que pudesse contrastar, relacionar e ampliar as interpretações existentes. Os exemplos de entrelaçamento ao longo da análise em nosso estudo servem a dois propósitos. Primeiro, o estudo apre-

sentia uma ilustração completa, já que outros modelos descrevem apenas partes do processo da construção teórica. Segundo, fornece nossa experiência de primeira mão com as técnicas, os desafios e *insights* da metatriangulação (para mais detalhes, veja Lewis, 1996).

Fase I: Fundamentos

Para entender pontos de vista alternativos, é importante que um teórico esteja plenamente ciente das premissas

Quadro 2 – Processos de construção de teorias de indução tradicional e de metatriangulação

MULTIPARADIGMA			
PARADIGMA ÚNICO – ATIVIDADE TRADICIONAL INDUTIVA	VARIAÇÃO DA ATIVIDADE INDUTIVA	PROPÓSITO DA METATRIANGULAÇÃO	IMPLICAÇÕES PARA O ESTUDO DA TPA
Fase I: Fundamentos			
Especificar as perguntas da pesquisa	Definir os fenômenos de interesse	Prover foco e ainda dar flexibilidade interpretativa	Abrangência de diversos tipos e teorias de TPA
Rever a bibliografia relevante	Focar as lentes paradigmáticas – Agrupar os paradigmas e encontrar as zonas de transição	Alcançar entendimento multiparadigmático e reconhecer o paradigma de origem	Separações percebidas entre as perspectivas existentes
Escolher a fonte de dados	Coletar uma amostra meta-teórica (dados interpretáveis a partir de lentes múltiplas)	Mirar as lentes em referências empíricas comuns	Estudos de casos em variados contextos selecionados de TPA, e visões teóricas
Fase II: Análise de dados			
Desenhar o processo de análise	Planejar o itinerário dos paradigmas (uso ordenado de lentes)	Reconhecer influências paradigmáticas; enfatizar contrastes e manter equilíbrios	Distanciamento do paradigma original e dominante
Codificar os dados sistematicamente	Conduzir a codificação multiparadigmática	Cultivar diversas interpretações dos dados. Destacar diferentes <i>insights</i> de paradigma	Detalhamento de visões contrastantes da TPA e sua implementação
Tabular e/ou apresentar a análise	Escrever considerações paradigmáticas	Experimentar a linguagem usual do paradigma; gerenciar os entendimentos cumulativos	Conflitos e sobreposições das imagens e de tensões de TPA reconhecidas
Fase III: Construção de teorias			
Desenvolver e testar propostas	Explorar metaconjecturas	Conduzir experimentos mentais; justapor <i>insights</i> de paradigma	Padrões e discrepâncias entre as considerações analisadas
Construir teorias	Alcançar uma perspectiva metaparadigmática	Abranger as disparidades e complementaridades; motivar a interação	“Espaço” e “tempo” utilizados para acomodar diferentes explicações
Avaliar a teoria resultante	Articular a auto-reflexão crítica	Indicar a qualidade teórica e o processo de construção teórica	Rastreamento de tensões e paradoxos experimentados pelo próprio trabalho

em que sua própria perspectiva se baseia. Tal percepção envolve uma jornada intelectual, levando-o para fora de seu campo de domínio familiar... Somente assim ele poderá olhar para trás e avaliar completa e precisamente a natureza de seu ponto de partida. (BURRELL e MORGAN, 1979, p. ix).

Estabelecer os fundamentos da metatriangulação requer a definição do fenômeno de interesse, o foco em lentes paradigmáticas, e a coleta de uma amostra metateórica (veja o Quadro 2). Assim como na indução tradicional, esta fase inicial determina limites que tanto restringem quanto possibilitam a construção de teorias (Eisenhardt, 1989). Estabelecer limites traz o risco de reduzir a metatriangulação a um exercício de “preenchimento de lacunas”, em que os teóricos utilizam os dados para apoiar visões paradigmáticas preexistentes. Contudo, tais limites podem auxiliar os teóricos a administrar uma possível sobrecarga de dados e perspectivas, a comparar trabalhos existentes, e a esclarecer e criticar suas próprias premissas, na medida em que embarcam em paradigmas múltiplos.

Definir o fenômeno de interesse

A construção de teorias por meio de paradigmas começa com a seleção de um tema de estudo (Gioia e Pitre, 1990). As estratégias tradicionais de indução quase sempre são utilizadas para explorar fenômenos em campos teóricos dispersos. Estabelecer uma pergunta de pesquisa clara e experimental provê foco e dá flexibilidade interpretativa ao longo da análise de dados (Glaser e Strauss, 1967; Mintzberg, 1979). A metatriangulação, entretanto, é mais apropriada aos estudos de fenômenos multifacetados, caracterizados por campos de pesquisa amplos e controversos (isto é, com muitas teorias, freqüentemente conflitantes). Estabelecer uma pergunta de pesquisa na investigação multiparadigmática é algo problemático, pois a legitimidade de uma pergunta pode variar conforme os paradigmas. Em seu influente trabalho, Hassard (1991) enfrentou esse desafio ao emparelhar com discernimento cada lente com uma questão diferente e compatível com um paradigma. Em outros modelos – para possibilitar comparações mais diretas, e potencialmente mais esclarecedoras – os pesquisadores defendem amplamente a definição de fenômenos de interesse comuns. Nesses estudos, os acadêmicos vêem o fenômeno de interesse como abstrato e relacional – construído conforme os teóricos o utilizam, interpretam e experimentam, por meio de cada lente paradigmática (e.g. Graham-Hill, 1996). Por exemplo, em seus modelos os acadêmicos têm analisado fenômenos organizacionais complexos e bem pes-

quisados, como o poder (Clegg, 1990; Gaventa, 1980), a cultura (Martin, 1992; Ybema, 1996), a política (Bradshaw-Camball e Murray, 1991), e o trabalho (Alvesson, 1987).

A metatriangulação oferece um excepcional meio de estudo da TPA, um campo cada vez mais criticado como vasto, polarizado e repleto de contradições teóricas, que inibem a realização de pesquisas comparativas e de interpretações esclarecedoras (Grint, 1991). Definimos essa tecnologia de produção avançada (TPA) como tarefas operacionais e maquinaria computadorizada, que executam e controlam um processo produtivo. Essa ampla definição nos possibilita explorar as várias representações sociais e técnicas da TPA, assim como diferenciar visões acerca de suas implementações (por exemplo, teorias de sistemas, dos processos de trabalho, da construção social, e teorias críticas).

Focar as lentes paradigmáticas

Revisar a bibliografia relevante reforça a indução tradicional, ajudando os teóricos a relacionar as teorias emergentes a trabalhos existentes e a reconhecer a influência de suas próprias inclinações teóricas (Weick, 1989). Um arcabouço teórico rico pode fomentar análises esclarecedoras, “sensibilizando” os teóricos em relação a determinadas características e particularidades dos dados (Glaser e Strauss, 1967). A metatriangulação altera surpreendentemente o papel da sensibilização teórica, exigindo foco dos teóricos, seguido da utilização de lentes paradigmáticas divergentes. Uma visão em dois estágios – agrupamento de paradigmas e determinação das zonas de transição – pode auxiliar os teóricos na obtenção de interpretações multiparadigmática do fenômeno de interesse, assim como em uma maior consciência dos seus paradigmas iniciais ou de “origem”.

O agrupamento impõe que se explicitem as premissas e os focos seletivos de cada perspectiva, categorizando então em paradigmas a bibliografia existente, para acentuar suas discrepâncias (Gioia e Pitre, 1990). Essencialmente, os agrupamentos delimitam o escopo operacional das diversas lentes, especificando o que é e o que não é de interesse – limitando os pesquisadores a um campo de visão administrável, e aprofundando, ainda, os detalhes desse campo (Poole e Van de Ven, 1989). Nos modelos, os acadêmicos classificam a literatura de acordo com as tipologias paradigmáticas existentes (e.g. Gioia e Pitre, 1990; Grint, 1991), ou criam classificações próprias (e.g. Alvesson, 1987; Reed, 1996), buscando assim grupos que atendam à variedade de requisitos na literatura e que destaquem conflitos teóricos proeminentes.

Reconhecer o paradigma de um autor, no entanto, pode ser uma tarefa árdua e questionável. Smircich (1983) notou que, além do fato de que os autores raramente postularem seus paradigmas, muitas vezes os escolhem de forma inconsciente. A autora propôs categorizar os trabalhos de acordo com o uso metafórico que os autores fazem da linguagem – por exemplo, organizações como instrumentos sociais, organismos adaptáveis, ou padrões de discursos simbólicos. Outros autores estão de acordo (e.g. Cannella e Paetzold, 1994; Willmott, 1993), atestando que os paradigmas favorecidos são mais facilmente reconhecíveis pelo uso de termos que impliquem o compartilhamento de seus significados por todos os leitores, tais como conhecimento, discurso e práxis.

Em seguida, descobrir zonas de transição entre os paradigmas auxilia os teóricos a criticar os limites de seus agrupamentos e a reconhecer a complementaridade possível entre as lentes paradigmáticas (Gioia e Pitre, 1990). Nos modelos os acadêmicos quase sempre exploram as ligações entre os paradigmas orientados objetiva e subjetivamente. Por exemplo, as teorias estruturalista (e.g. Weaver e Gioia, 1994) e construtivista (e.g. Kaghan e Phillips, 1998) possibilitam que artefatos institucionais “objetivos” sejam estudados como produtos e instrumentos de processos “subjetivos” de construção social. Localizar tais perspectivas revela como existem premissas epistemológicas e metodológicas ao longo de contínuos. Os paradigmas podem parecer incomensuráveis nos extremos, embora entrelaçados em seus limites. A teoria das zonas de transição também sugere ligações entre os paradigmas para facilitar a metateorização (Grimes e Rood, 1995).

Assim como Grint (1991), agrupamos as premissas da TPA utilizando a tipologia de Burrell e Morgan (1979), já que suas dimensões refletem debates tecnológicos importantes. Os agrupamentos resultantes, ilustrados na Figura 1, aprofundam o foco de cada lente paradigmática ao caracterizar as várias visões da TPA e sua implementação, questões-chave de pesquisa e teorias dominantes. Essa revisão esclareceu o modo como a maioria dos estudos destaca as restrições deterministas da implementação da TPA ou seus processos correntes de atribuição de sentidos: ao polarizar as premissas da objetividade e da subjetividade, e ao perscrutar a substituição do trabalho manual ou o possível aumento de capacitação causado pela TPA por meio da segregação entre as premissas da mudança radical e as da regulação, respectivamente.

Exploramos então as zonas de transição de paradigmas. Por exemplo, o estruturalismo (ligando as visões

funcionalista e interpretativista) sugere que os agentes atuam sob papéis profissionais existentes e sob tecnologias, conforme atribuem sentido a uma nova TPA, contribuindo para as mudanças correntes em suas construções sociais (e.g. Roberts e Grabowski, 1996). De forma semelhante, na teoria radical de processos de trabalho (que ligando a visão estruturalista radical à humanista radical), os acadêmicos postulam que as ideologias e a retórica dos agentes podem atrapalhar os significados atribuídos à TPA, enquanto a reificação de artefatos institucionais (por exemplo, estrutura e autoridade) reforça as ideologias e retóricas existentes (e.g. Willmott, 1993). Reconhecer tais ligações nos auxiliou a questionar os limites fictícios de nossos paradigmas e a reconhecer interpretações complementares durante a construção de teorias.

Coletar uma amostra metateórica

Assim como nas estratégias tradicionais de indução (e.g. Eisenhardt, 1989; Glaser e Strauss, 1967), os dados servem como referências empíricas, levando o teórico e a teoria resultante para mais perto do fenômeno de interesse do que seria possível somente com a utilização da bibliografia preexistente. Contudo, escolher uma fonte de dados para a investigação multiparadigmática é controverso, pois a questão do que constitui os dados é onerada por paradigmas (Gioia e Pitre, 1990). A saída para esse dilema requer a coleta de uma “amostra metateórica”: dados interpretáveis a partir das perspectivas de múltiplos paradigmas. Embora em alguns modelos os pesquisadores colham dados diferentes para analisar com cada lente específica (e.g. Gioia e Thomas, 1996; Hassard, 1991), utilizar uma fonte de dados comum facilita as comparações e a construção de teorias (Ybema, 1996). De um metanível, os teóricos podem ver os dados como representações de realidades empíricas desenvolvidas com um certo objetivo ou para um certo público, e suscetíveis de interpretação e análise (Stablein, 1996). Por exemplo, Bradshaw-Camball e Murray (1991), Martin (1992) e Graham-Hill (1996) coletaram extensivos dados de entrevistas não estruturadas, que puderam então ser analisados por lentes divergentes.

Procuramos dados que nos permitiriam analisar a implementação da TPA em diversos contextos, e aplicar lentes analíticas variadas, selecionando assim uma fonte realmente única: os estudos de casos existentes. Os estudos de casos experimentaram um renascimento dos paradigmas nas duas últimas décadas, constituindo assim uma fonte de metadados potencialmente abundantes, esclarecedores e pouco explorados (Stablein, 1996). No

campo da TPA, os estudos de casos se tornaram a “forma de investigação predominante” (Dean *et al.*, 1992, p. 204). Se a análise de casos existentes tinha a evidente desvantagem do nosso distanciar do campo de pesquisa original e dos agentes locais, também nos ofereceu a oportunidade de explorar as divergentes interpretações de seus autores, assim como dos autores citados nos diversos cenários organizacionais.

Começamos buscando um conjunto amplo e eclético de casos relevantes. A ampla definição de caso (isto é, um estudo que compreenda a implementação da TPA em um contexto específico) e a utilização de diversas fontes de casos indicadas em nossa revisão multiparadigmática (por exemplo, periódicos de administração, de engenharia, de sociologia e de antropologia, assim como casos didáticos, monografias e artigos não publicados) nos ajudaram a encontrar mais de 100 estudos de casos. Selecionamos então, com base na teoria, 20 casos para análise detalhada. Seguindo as sugestões de Eisenhardt (1989), escolhemos casos que acentuavam extremos (por exemplo, TPAs altamente automatizadas comparadas a TPAs de trabalho intensivo) e que estavam abertos a interpretações (por exemplo, que apresentavam descrições elaboradas e extensas citações de autores locais) para incentivar teorizações criativas. Contudo, estendemos também os critérios de Eisenhardt para facilitar as análises multiparadigmáticas. Procuramos casos representativos de cada uma das quatro lentes paradigmáticas, para comparar os diferentes interesses, métodos e retóricas de pesquisa empregados pelos autores (para uma lista completa dos casos selecionados, veja Lewis, 1996).

Fase II: Análise dos dados

Traduzir uma teoria cosmológica para a nossa língua não significa torná-la nossa. Para isso, é preciso que nos tornemos nativos, que nos descubramos pensando nessa língua antes desconhecida, e não meramente traduzindo-a. (KUHN, 1970, p. 204).

Como em muitas estratégias de construção de teorias, uma fase substancial da metatriangulação gira em torno da análise de dados. Na investigação multiparadigmática, entretanto, o “analítico trabalho de detetive” (Mintzberg, 1979) exigido pela indução tradicional também requer a ampliação das distinções entre os paradigmas, para evitar interpretações muito simplificadas. A fase II aplica técnicas capazes de auxiliar os teóricos a imergir em paradigmas alternativos, rastrear padrões nos seus dados e tecer diferentes considerações sobre o

fenômeno de interesse (veja o Quadro 2). Compreender os paradigmas “externos” serve a dois propósitos básicos. Primeiro, pode aprofundar o entendimento dos teóricos que estudam experimentalmente o foco de observação, os métodos analíticos e os estilos de escrita em cada paradigma. Segundo, as considerações resultantes podem auxiliar na construção de teorias metaparadigmáticas, ao capacitar os teóricos a justaporem interpretações paradigmáticas de um referencial empírico comum (Reed, 1997). Como destaca Martin (1992, p. 5), ao cultivarem imagens conflitantes os teóricos podem explorar “pressupostos não estabelecidos para explicar por que os desacordos entre [...] perspectivas são tão profundos, veementes e produtivos”.

Planejar o itinerário dos paradigmas

Eisenhardt (1989) atestou que a utilização sistemática de um conjunto de análises auxilia os teóricos a administrar suas limitadas capacidades de processar informações. De forma semelhante, seguir um itinerário (isto é, uma ordem planejada para a análise dos paradigmas) pode enriquecer a jornada por múltiplos paradigmas. Independentemente de como os teóricos “paralelos” tentam conservar seus esforços indutivos, os esclarecimentos de análises paradigmáticas preliminares exercem alguma influência em análises posteriores. Um itinerário pode enriquecer o conhecimento dos teóricos sobre essas influências, e possibilitar que equilibrem melhor as imagens contrastantes. Hassard (1991) propôs que os interesses específicos dos teóricos deveriam guiar as escolhas de seus itinerários. Por exemplo, em alguns modelos, os acadêmicos têm se deslocado de paradigmas objetivos para subjetivos, primeiramente buscando visões gerais, amplas e generalizáveis, e posteriormente significados mais detalhados e específicos do fenômeno de interesse (e.g. Gioia *et al.*, 1989; Graham-Hill, 1996). Outros têm utilizado lentes funcionalistas para destacar interpretações gerencialistas, seguidas de visões mais críticas, que expõem fragmentações e conflitos (e.g. Bradshaw-Camball e Murray, 1991; Martin, 1992).

Escolhemos nosso itinerário – de funcionalista para estruturalista radical, para interpretativista e para humanista radical – por duas razões. Primeiro, sentimos que esse caminho enriqueceria nossas próprias experiências de aprendizado, por refletir um movimento de distanciamento progressivo da confortável perspectiva original do investigador principal, e também do paradigma dominante da TPA (funcionalista) rumo à sua antítese (humanista radical). Segundo, perseguimos progressivamente imagens “mais profundas” e contrastantes da TPA.

As análises funcionalistas trataram da natureza de sistemas técnicos e sociais, enquanto as análises radical-estruturalistas criticaram seus impactos sobre as habilidades e o poder dos operadores. Nos paradigmas subjetivos vimos as descrições de propriedades e comportamentos observados como “pontos de entrada” dos processos de construção social mais latentes. As análises interpretativistas destacaram as influências das normas culturais no compartilhamento de significados, ao passo que as análises humanistas radicais criticaram sua legitimidade e os papéis dos atores em sua manutenção. A disparidade das lentes auxiliou a descongelar e flexibilizar nossas premissas iniciais, fomentando idéias mais criativas, na medida em que continuamente elaboramos e questionamos as análises prévias.

Conduzir a codificação multiparadigmática

De acordo com Glaser e Strauss (1967), a codificação exige a abertura, a interpretação e a conceituação dos dados. A sensibilidade teórica é fundamental, pois as premissas dos teóricos alimentam idéias e vieses. Aproximar a análise das várias questões que se têm em mente pode auxiliar os teóricos a “abrir” os dados e a “ver” com maior profundidade analítica. A investigação multiparadigmática altera e intensifica o papel da sensibilidade teórica. As lentes paradigmáticas sugerem perguntas de pesquisa opostas, e revelam inúmeras interpretações dos dados. Contudo, premissas conflitantes não permitem o uso de abordagens analíticas comuns, exigindo que os teóricos empreguem os métodos dos respectivos paradigmas (Gioia e Pitre, 1990; Guba e Lincoln, 1998, revisaram inúmeros métodos).

A codificação multiparadigmática é tipicamente um processo de duas partes: os teóricos se familiarizam com os dados e depois lhes impõem interpretações alternativas. Na análise inicial, tomar notas detalhadas auxilia os teóricos a desenvolver suas primeiras impressões sobre as particularidades e os padrões dos dados. Os teóricos seguem então os itinerários de seus paradigmas, “lendo” os dados por meio de cada lente (Morgan, 1983). Suas interpretações se tornam uma combinação “do que já sabem, do que lêem e das lentes empregadas na análise”, permitindo assim a construção de diversas interpretações possíveis para cada paradigma. Recodificar os dados durante cada uma das análises subseqüentes concentra esforços para detalhar e comparar as interpretações dos temas emergentes.

Os modelos retratam as variações dessa atividade. Graham-Hill (1996) analisou os dados utilizando métodos de construção de casos alternativos, que variaram de

abordagens convencionais (e.g. Yin, 1989) a dramatizações (e.g. Mangham e Overington, 1983). Martin (1992) utilizou uma técnica diferente, aplicando suas três lentes como instrumentos de sensibilização para expor os múltiplos significados de uma cultura organizacional. A autora codificou as referências de atores que retratavam percepções de uma cultura clara e única como “integração”; visões subculturais variadas como “diferenciação”; e ambigüidades e sentimentos em conflito como “fragmentação”.

Em nosso estudo, a codificação multiparadigmática revelou-se uma experiência de abertura dos dados e da mente. O agrupamento dos paradigmas sugeriu questões-chave para auxiliar e diferenciar as análises (veja a Figura 1). Também iniciamos a análise de cada paradigma com a codificação dos casos escritos sob a mesma perspectiva, utilizando o foco, a linguagem e os métodos empregados por seus autores para direcionar a codificação dos casos restantes. A codificação funcionalista exigiu análises comparativas e causais de manifestações superficiais (por exemplo, explicações gerenciais e especificações de projeto da TPA) para convertê-las em construtos e relações generalizáveis (e.g. Eisenhardt, 1989). No paradigma estruturalista radical, utilizamos ciclos dialéticos de observações e de críticas (e.g. Benson, 1977) para revelarmos como a capacidade de controle do trabalho pela TPA é reforçada por artefatos institucionais inter-relacionados (por exemplo, a estrutura organizacional) e por estruturas socioeconômicas mais amplas (por exemplo, as classes sociais). A análise interpretativista envolveu a codificação da linguagem e dos símbolos para descrever os processos de atribuição de significados por parte dos atores (e.g. Guba e Lincoln, 1989). Técnicas hermenêuticas nos auxiliaram a identificar os significados compartilhados pelos membros da estrutura sobre a TPA e os papéis relativos ao trabalho. Finalmente, pelo humanismo radical, analisamos as ideologias e os significados hegemônicos (e.g. Steffy e Grimes, 1986). Ao reinterpretarmos criticamente os casos e as nossas anotações, codificamos discursos deterministas, masculinos e gerencialmente simpatizantes, para expor a retórica preconceituosa utilizada pelos atores organizacionais, pelos autores dos casos e por nós mesmos. A análise multiparadigmática resultou em quatro grupos de códigos, voltados para facetas distintas mas relacionadas dos casos: conceituações da TPA e processos de implementação problemáticos.

Escrever as considerações paradigmáticas

Ao tabular ou exibir os resultados da análise de dados,

os pesquisadores ordenam evidências que auxiliam a indução tradicional (Eisenhardt, 1989; Mintzberg, 1979). A metatriangulação expande essa atividade, quando os teóricos utilizam a codificação para escrever as diferentes considerações sobre o fenômeno de interesse. Escrever serve a três propósitos. Primeiro, inscreve os entendimentos paradigmáticos em representações coerentes, auxiliando os teóricos a administrarem as diversas interpretações proporcionadas pela análise multiparadigmática. Segundo, a escrita pode aprofundar a compreensão dos teóricos, na medida em que eles experimentam as linguagens utilizadas pelos paradigmas. Comparar cada consideração a seu respectivo paradigma pode ajudar os teóricos a garantir que suas representações aumentam as diferenças entre os paradigmas, em vez de subjugar-las ou torná-las homogêneas. Terceiro, ao escrever após completar a análise, os teóricos podem focar suas considerações em temas que abarcam os paradigmas para destacar imagens em conflito e auxiliar a metateorização. Martin

(1992), por exemplo, demonstrou como as lentes divergentes estimularam diferentes percepções de três temas da cultura organizacional: igualdade, inovação e preocupação com o bem-estar dos funcionários. De forma similar, Bradshaw-Camball e Murray (1991) consideram cada representação uma interpretação coerente mas limitada, levantando questões variadas sobre a estrutura, os processos e os resultados da política organizacional.

Concentramos nossas considerações no tema das tensões. Ao longo dos estudos de casos, demandas, interesses e percepções opostas frustraram as implementações da TPA. E ainda, lentes paradigmáticas revelaram diferentes conflitos e ciclos viciosos. A comparação dos achados de nossas análises de dados com a conhecida bibliografia de paradigmas ajudou a aprimorar cada consideração e a detalhar as várias interpretações paradigmáticas. Uma breve leitura das considerações resultantes (veja o Apêndice) demonstra que cada uma oferece representações igualmente plausíveis e internamente consistentes.

Figura 1 – Paradigmas agrupados da tecnologia de produção avançada (TPA)

Mudança radical	<p>Humanista radical</p> <p>TPA: Veículo de distorção comunicativa</p> <p>Implementação: Processo de retórica de negociação, identidades, e compreensões relativas ao trabalho da TPA</p> <p>Questões-chave: Por que os atores freqüentemente utilizam e reforçam as ideologias dominantes e os preconceitos existentes? Como os atores negociam compreensões mais democráticas da TPA?</p> <p>Teorias: Crítica e antiorganizacional</p>	<p>Estruturalista radical</p> <p>TPA: Ferramenta de dominação e controle do trabalho</p> <p>Implementação: Processo de determinismo social e político, conduzido por interesses políticos e diferenças de classe</p> <p>Questões-chave: Como o projeto de maquinaria e de tarefas da TPA acentua a racionalização e a substituição do trabalho operacional e reforça as assimetrias de poder existentes nas organizações?</p> <p>Teorias: Processos de trabalho ortodoxos (marxistas); teorias weberianas radicais</p>
	<p>Interpretativista</p> <p>TPA: Construção contínua de experiências intersubjetivas</p> <p>Implementação: Processo de atribuição de sentidos e de aprendizado de como os atores usam e experimentam a TPA</p> <p>Questões-chave: Como os atores desenvolvem compreensões compartilhadas sobre a TPA? Como as normas culturais, os mitos e os símbolos influenciam as interpretações?</p> <p>Teorias: Construção social e de interação simbólica</p>	<p>Funcionalista</p> <p>TPA: Sistema produtivo para o aumento de eficiência e adaptação</p> <p>Implementação: Processo de determinismo tecnológico, restrito pelas condições competitivas e organizacionais</p> <p>Questões-chave: Como as diferentes especificações dos projetos de TPA influenciam o controle e a flexibilidade da produção? Quais métodos impulsionam as implementações efetivas?</p> <p>Teorias: Contingência, sistemas e teorias tradicionais da engenharia</p>
Regulação	Subjetivo	Objetivo

Adaptado de Burrell e Morgan (1979)

tes, porém parciais, destacando a necessidade de uma interpretação mais abrangente da complexa e rompente natureza da TPA.

Fase III: Construção de teorias

Estamos em uma barafunda de contradições [...]. O paradoxo habita e se movimenta neste domínio; é a arte de equilibrar os opostos de modo a não se neutralizem, mas soltarem faíscas de luz dos pólos; vê nossas desesperadas incertezas e nos diz que a realidade é constituída por tudo isso – que a vida é maior do que os nossos conceitos e que, se permitirmos, pode abarcar nossas contradições. (MORRISON, M. C. In: SMITH e BERG, 1987, p. 3).

Construir teorias a partir de dados requer que os teóricos empreendam “saltos criativos”, rompam com o simples e o esperado, e expliquem os fenômenos sob novos enfoques (Mintzberg, 1979, p. 584). Na metatriangulação, as transições ainda estão um nível acima e além dos paradigmas, pois quando “se abstrai suficientemente, as diferenças entre práticas entrelaçadas de pesquisa desaparecem, revelando os contornos do cenário de pesquisa” (Stablein, 1996, p. 510). As análises multiparadigmáticas suportam e elaboram visões díspares, aprofundando a compreensão dos teóricos sobre o fenômeno e os paradigmas empregados. A construção de teorias, entretanto, requer que os teóricos transcendam os dualismos paradigmáticos e “pensem paradoxalmente”: que considerem simultaneamente visões conflitantes. As técnicas metaparadigmáticas auxiliam os teóricos a explorar metaconjecturas, a alcançar uma perspectiva metaparadigmática e a articular auto-reflexões (veja o Quadro 2).

Explorar metaconjecturas

Explorar metaconjecturas considera e estende o pedido de Weick (1989) para que teóricos conduzam numerosos e diversos experimentos mentais. As metaconjecturas denotam proposições interpretáveis a partir de múltiplos paradigmas. Os teóricos se repetem entre a bibliografia revisada, suas análises multiparadigmáticas e suas próprias intuições para explorar visões divergentes sobre temas que ligam as considerações paradigmáticas. Os modelos propõem duas técnicas capazes de ajudar os teóricos a desenvolver e “testar” as metaconjecturas. Primeiro, a inversão de conjecturas requer o reenquadramento de uma questão abrangente em múltiplos paradigmas (Gioia e Pitre, 1990). Ao procurar algo não previsto ou não respondido pelas considerações paradigmáticas, os teóricos podem examinar o quanto os aspectos

de uma situação são vistos como uma anomalia, ou explicados por meio de lentes alternativas. Segundo, técnicas de conversação auxiliam os teóricos a evidenciar debates paradigmáticos e descobrir meios criativos para explicar contradições (Grimes e Rood, 1995). Ao se sobrepor interpretações paradigmáticas, explicações discrepantes podem parecer inter-relacionadas e ainda assim indicar as várias facetas temporais e espaciais de um fenômeno (Poole e Van de Ven, 1989).

Utilizamos a inversão de conjecturas para investigar por que surgem tensões durante a implementação da TPA. Perguntamos: “por que as exigências conflitantes (funcionalista), os interesses políticos (estruturalista radical), os esquemas interpretativos (interpretativista) e as identidades sociais (humanista radical) intensificam ou inibem as mudanças?” As lentes paradigmáticas revelaram como a flexibilidade e as ambigüidades da automação exacerbam as tensões existentes, sugerindo ainda, respectivamente, que restrições inerciais, assimetrias de poder, normas subculturais e distorções de comunicação frustram projetos inovadores e entendimentos mútuos sobre a TPA. As técnicas de conversação nos auxiliaram então a considerar tais discrepâncias. Além de empregar conversações hipotéticas, comprometemo-nos propositalmente com discussões a respeito de nós mesmos, e com outros teóricos alinhados a paradigmas que nos fossem menos familiares, já que nos baseamos em paradigmas opostos. Terminamos vendo que os paradigmas abrangem diferentes dimensões espaciais e temporais.

Analisar a TPA a partir de diferentes “espaços” (uma metáfora para a hierarquia e para interesses ocupacionais divergentes) nos auxiliou a compreender o debate sobre a melhoria da capacitação e sobre a substituição do trabalho manual. Aqueles que possuíam visões reguladoras manifestaram preocupações gerenciais, apontando novas rotinas e maiores habilidades conceituais exigidas para o trabalho de operadores e projetistas com a automação, e aqueles com visões radicais insistiram em interesses trabalhistas, expondo mecanismos de controle e ideologias dominantes que reforçavam as relações de trabalho existentes. Diferentes perspectivas temporais (uma metáfora para a estrutura e os processos de formalização) sugeriram propriedades estáveis e observáveis, além de dinâmicas sociais e cognitivas mais latentes. Lentes objetivas revelaram as restrições impostas por artefatos materiais e práticas institucionalizadas, e visões subjetivas indicaram o fluxo da criação de significado. Assim, as quatro considerações sumarizadas no Apêndice mostraram-se conjuntamente necessárias para a compreensão da natureza intrínseca e rompedora das implementações da TPA.

Alcançar uma perspectiva metaparadigmática

A teoria indutiva tradicional produz um ordenado conjunto de considerações sobre o fenômeno de interesse baseadas em dados suficientemente específicos e abstratos para permitir generalizações (Glaser e Strauss, 1967). A investigação multiparadigmática expande as definições teóricas convencionais para denotar um entendimento coerente e capaz de acomodar diversas representações (Gioia e Pitre, 1990). Os teóricos perseguem as perspectivas metaparadigmáticas, a partir das quais podem reconhecer a interação entre interpretações paradigmáticas conflitantes mas interdependentes. Nos modelos, os acadêmicos recomendam aplicar instâncias, estruturas ou conceitos teóricos inclusivos que sirvam de “pontos de contato” entre os paradigmas. Por exemplo, Schultz e Hatch (1996) propuseram uma visão pós-moderna para reconhecer as disparidades e similaridades entre paradigmas essencialmente modernos. Reed (1997) defendeu a construção de um modelo multidimensional, e Bouchikhi (1998) propôs utilizar a dialética e o paradoxo para conseguir uma rica e profunda compreensão dos fenômenos de interesse.

As teorias metaparadigmáticas existentes ilustram a utilização e o valor dessas técnicas. Por exemplo, Gaventa (1980) procurou explicar por que os mineradores de uma pequena cidade dos montes Appalaches permaneciam em silêncio em vez de resistir às perigosas e desmoralizantes condições de trabalho. Aplicando as três lentes de Lukes (1974), o autor detalhou as várias dimensões do poder e seus mecanismos de controle: comportamentais (por exemplo, esforços de influência interpessoal e contínua atividade de supervisão), estruturais (por exemplo, contratos de divisão de trabalho institucionalizados) e ideológicos (por exemplo, discursos e premissas dominantes). Gaventa, no entanto, extrapolou as distinções de Lukes, relacionando os mecanismos de controle para explicar como as tênues interações entre as dimensões preservam a calma. Enquanto os gestores mobilizavam recursos que garantiam que o uso esporádico do poder por parte dos mineradores não tivesse efeito, contratos e práticas formais mantinham a assimetria do poder, e o uso corrente de uma retórica hegemônica consensual influenciava as escolhas dos mineradores, reduzindo sua consciência política. O resultado foi uma elaborada e contextualizada visão do poder como algo observável, incrustado e continuamente reproduzido.

Ybema (1996) utilizou as lentes divergentes da integração e da diferenciação propostas por Martin (1992) para se afastar de considerações paradigmáticas discrepantes rumo a uma teoria metaparadigmática da coesão

e fragmentação nas organizações. Ao analisar um pequeno parque de diversões holandês com a lente da integração, Ybema desvendou uma cultura organizacional forte, marcada pelo compartilhamento de mitos e por coleguismo; a lente da diferenciação expôs distinções de grupos e a prática de fofocas maliciosas. Criativamente, Ybema considerou as contradições sob duas formas. Primeiro, conceituou as manifestações culturais como meios pelos quais os múltiplos significados podiam ser expressos. Por exemplo, as histórias sobre as tradições e conquistas da organização fomentaram a criação de um senso comum de orgulho e solidariedade. Ademais, “o pessoal dos velhos tempos” utilizava histórias para romancear seus papéis na trajetória da companhia, favorecendo as identidades e diferenças sociais frente à gestão invasora de “novos profissionais”. Segundo, utilizando uma metáfora dramática, Ybema viu as lentes como explanatórias dos diferentes estágios de ocorrência de interações sociais. Ao banir os evidentes sinais de conflito, as normas culturais incentivaram a abertura e a cordialidade “em cena” (por exemplo, em reuniões e corredores) e empurraram as animosidades para “fora de cena” (por exemplo, conversas a portas fechadas). Paradoxalmente, estas encenações segregadas se tornaram inversões uma da outra. As demonstrações públicas sustentavam as normas de coesão e concordância, e as bisbilhotices particulares reforçavam os sentimentos de intimidação de nos grupos e de discordância entre os grupos.

Para acomodar as divergentes visões das tensões da TPA, aplicamos a noção de paradoxo. Os paradoxos denotam construções sociais criadas conforme os atores polarizam fenômenos inter-relacionados para compreender as incertezas e complexidades. No entanto, pode haver a reificação das polaridades ao longo do tempo, inibindo o reconhecimento e a administração de interações por parte dos atores (Bouchikhi, 1998). Durante a implementação da TPA, grandes mudanças na automação revelaram a inadequação das polaridades existentes, tais como as distinções artificiais entre as necessidades de controle e flexibilidade, ou entre as competências dos projetistas e operadores. Essas revelações se mostraram capazes de fomentar inovações e esclarecimentos, bem como rigidez e dominação. Alguns casos demonstraram o valor da reflexão sobre os pressupostos tecnológicos e profissionais, negociando papéis produtivos mais democráticos e experimentando estruturas organizacionais e criativos projetos de TPA. No entanto, os atores se apegaram com maior frequência às polaridades do passado, mantendo círculos viciosos. A utilização de ideologias, práticas e artefatos institucionais existentes teve conse-

qüências negativas que intensificaram ainda mais os desejos de simplicidade e ordem dos atores. Por exemplo, os projetistas enxergavam a TPA tipicamente como uma oportunidade de apoio ao seu controle da produção e do trabalho. Ademais, a limitação do envolvimento dos operadores no processo de implementação, ao enfatizar o “poder” dos computadores e formalizar as funções operacionais, resultou em sistemas altamente centralizados que segregaram a programação da execução e na prática se mostraram incontroláveis. Ao mesmo tempo, os operadores procuraram manter o controle de suas competências. No entanto, a ênfase na masculinidade de suas habilidades manuais e suas preocupações com os objetivos da automação e da gestão inibiram, da parte dos operadores, o desenvolvimento de habilidades conceituais mais amplas e a negociação de papéis mais influentes na implementação.

Ao elaborarmos considerações paradigmáticas em conjunto, teorizamos sobre a interação entre a objetividade (por exemplo, os projetos formais da TPA e as enraizadas divisões do trabalho) e a subjetividade (por exemplo, os processos correntes de criação de significados e de construção de identidades). Enquanto as instâncias reguladoras focam as rotinas comuns e endossam subculturas ocupacionais coesas, as instâncias radicais criticam os mecanismos de controle sutis e expõem contínuas distorções de capacitação que podem arruinar tentativas de comunicação mais abertas entre os níveis hierárquicos organizacionais.

Articular a auto-reflexão crítica

A metatriangulação conclui-se com a crítica à teoria resultante e ao processo de construção teórica. Quando avaliam a qualidade de uma teoria, os teóricos descobrem que os critérios tradicionais – validade e consistência interna (Eisenhardt, 1989) – são incongruentes com paradigmas alternativos, já que focam a redução das ambigüidades e das diversidades (Morgan, 1983). Para respeitar os vários objetivos dos paradigmas, a metatriangulação implica a expansão dos seguintes critérios: criatividade, relevância e abrangência. Uma teoria criativa proporciona estimulantes meios de considerar perspectivas divergentes, enquanto a relevância depende de seu potencial de encorajar discussões interparadigmáticas e de promover correspondências entre as teorias e as multifacetadas realidades organizacionais (Poole e Van de Ven, 1989). Com a metatriangulação, os acadêmicos não se esforçam em encontrar “a” verdade, mas em descobrir a abrangência proveniente de visões de mundo diversas e parciais (Gioia e Pitre, 1990). Idealmente, a

teoria metaparadigmática tanto acomoda quanto desafia interpretações paradigmáticas opostas, refletindo a ambigüidade, a complexidade e os conflitos experimentados pelos atores organizacionais.

No entanto, tais resultados apresentam uma visão particular, embora mais expandida e inclusiva. A auto-reflexão crítica pode auxiliar os teóricos a evitar fechar-se nos limites de categorias paradigmáticas ou das teorias metaparadigmáticas, e a avaliar a influência de seus interesses pessoais no processo indutivo (Willmott, 1993). Em alguns modelos multiparadigmáticos, os teóricos empregam noções pós-modernas na crítica à utilização dos paradigmas existentes (e.g. Hassard, 1991; Martin, 1992). Outros guardam suas “anotações de campo” para refletir continuamente sobre os impactos de seus vieses paradigmáticos e para apresentar descobertas experimentais dos temas de pesquisa objetivando alcançar congruência nos significados (e.g. Graham-Hill, 1996).

No estudo da TPA, o rastreamento de nossas percepções emergentes ajudou-nos a permanecer fortemente atentos a paradoxos que surgiram em nosso próprio trabalho. Por exemplo, uma autora percebeu que suas preferências teóricas, que emanavam de um arcabouço basicamente funcionalista, acentuavam e frustravam suas interpretações. Enquanto especulava além de seu paradigma de origem, ela percebia gradativamente os conflitos ideológicos paradigmáticos e as tensões sociais evidenciados pelas preocupações de seus “colegas” sobre sua “radical” e “arriscada” pesquisa, o que quase a reconduziu ao funcionalismo mais difundido. Administrar esse paradoxo se tornou um esforço corrente e auto-reflexivo na medida em que ela perscrutava anotações, considerações paradigmáticas alternativas e a teoria metaparadigmática de retóricas gerencialmente tendenciosas. Em retrospecto, essas experiências se entrelaçaram durante o processo de construção de teorias, aprofundando nossa avaliação sobre o valor e os desafios da investigação multiparadigma.

IMPLICAÇÕES DA CONSTRUÇÃO DE TEORIAS

A metatriangulação não é um substituto para a construção de teorias de paradigma único, mas, em vez disso, é uma alternativa para a exploração de fenômenos complexos a partir de divergentes perspectivas teóricas e epistemológicas. Na realidade, enxergamos este processo como uma extensão das estratégias tradicionais, voltadas para intensificar possíveis interpretações da bibliografia disponível, dos dados e da intuição dos teóricos. A metatriangulação segue muito das prescrições de Weick

(1989) sobre a construção de teorias utilizando a “imaginação disciplinada”, elevando deliberada e incrivelmente a quantidade e a diversidade da bibliografia revisada, dos métodos analíticos e das conjecturas examinadas. Para posicionar-nos a metatriangulação frente a estratégias existentes, concluímos com uma discussão sobre suas vantagens, limitações e aplicações futuras.

Vantagens

Propomos que a metatriangulação deva guiar os teóricos nas direções epistemológica e substantiva. Epistemologicamente, tal estratégia de construção teórica é capaz de direcionar a atenção para o impacto causado por: 1) interesses dos teóricos sobre as escolhas de seus paradigmas, métodos e temas de pesquisa (Habermas, 1971); 2) epistemologia sobre a construção de teoria substantiva, uma vez que a última é uma derivação da primeira; e 3) poder sobre a criação do conhecimento (Foucault, 1980). Explorar paradigmas “externos” proporciona aos teóricos uma possível experiência de abertura de referências. Ao explicitar premissas e processos de aprendizagem, a metatriangulação é capaz de ajudar os teóricos no ganho de apreciação de conhecimentos potenciais e reduzir seus compromentimentos a pontos de vistas preferidos ou provincianos. Os teóricos devem reconhecer que a construção de teoria não é um processo puramente metódico e definido por regras, mas também um compromisso ideológico, político e moral por meio do qual se cria e recria (Morgan, 1983).

Substantivamente, a metatriangulação facilita a transformação de uma teoria provinciana em uma teoria mais rica, contextualizada e multidimensional. Lidar com contradições teóricas permite aos teóricos construir teorias alinhadas com a complexidade e os paradoxos da vida organizacional (Poole e Van de Ven, 1989; Teunissen, 1996). As abordagens multiparadigma auxiliam os teóricos a combinar a variedade de requisitos da teoria organizacional e a investigar a diversidade experimentada (ou construída) por atores organizacionais (Schultz e Hatch, 1996). Bouchikhi (1998) atestou que os teóricos, ao empregar múltiplos paradigmas, podem auxiliar os atores organizacionais na compreensão e no gerenciamento de demandas aparentemente lógicas quando isoladas, mas contraditórias ou absurdas quando conectadas, como por exemplo as necessidades de controle e flexibilidade, de coordenação coletiva e expressão individual, de sistemas internos fechados e sistemas externos abertos, de continuidade e mudanças, e de tomada de decisões e descobertas que emergem ao acaso.

A teoria metaparadigmática resultante – caso as pesquisas, teorizações e discursos acadêmicos subsequen-

tes apoiem sua plausibilidade – pode oferecer um modelo de expansão para a teoria e a pesquisa. As futuras investigações multiparadigmáticas podem contemplar as preocupações organizacionais com eficácia, e ainda criticar as criações institucionais e refletir os significados locais, possibilitando uma descrição mais sutil e completa das complexidades tecnológicas, sociais e políticas. Ao explorar visões divergentes, o debate acadêmico e teórico pode se tornar mais complexo e produtivo, abafando o dualismo objetivo/subjetivo e fornecendo uma clara compreensão dos diversos atores organizacionais, em vez de produzir prescrições para seu controle por parte das elites. O conhecimento substantivo produzido por tais esforços pode ser contextualizado pelos significados locais e pelos paradigmas explorados; ademais, as reflexões dos pesquisadores sobre os limites de seus métodos e interpretações podem se tornar mais abundantes, imparciais e legítimas.

Limitações

Enquanto a construção de teorias é sempre um processo de atribuição de sentidos, influenciado por pressupostos subjacentes aos teóricos (Weick, 1989), a natureza provocativa e inerente da investigação multiparadigma gira em torno da pergunta: “É possível escaparmos, de alguma forma, do nosso paradigma corrente, ou de origem?”. Embora se possa continuar a contestar essa questão, a metatriangulação trabalha em harmonia com as abordagens multiparadigma existentes para auxiliar os teóricos a reconhecer e encaminhar esse desafio em cada estágio do processo da construção teórica.

A fase de fundamentação inicial exige que os teóricos explicitem seus pressupostos paradigmáticos. Contudo, os críticos alertam que o agrupamento de paradigmas pode reproduzir os grandes dualismos que pretende transcender (e.g. Deetz, 1996). Para evitar a reificação dos limites paradigmáticos na metatriangulação, os teóricos devem avaliar os vieses de cada lente e demarcar as perspectivas das zonas de transição. Os agrupamentos devem ser vistos como guias heurísticos valiosos, mas fictícios, para que visões divergentes possam ser distinguidas, possibilitando a maior compreensão possível nos limites de um único paradigma. O objetivo, como Morgan explica, é

irmos além da reprodução das diferenças que nos separam, rumo a uma avaliação da razão pela qual nos separamos. Ao agirmos assim, alcançamos os únicos meios efetivos de acesso à natureza e às limitações da atividade de pesquisa – adquirindo a capacidade de saber o que estamos fazendo, por que estamos fazendo, e que pode-

riamos fazer de maneira diferente, se assim escolhêssemos. (MORGAN, 1983, p. 382).

Não obstante, os teóricos devem questionar constantemente os limites das lentes que escolhem e se seus esforços fomentam a proliferação ou a tenacidade dos paradigmas (Feyerabend, 1975).

A fase de análise de dados requer que os teóricos mergulhem em cada paradigma. Os críticos, entretanto, desafiam qualquer possibilidade de adotar outras perspectivas, apontando a potencialidade de um viés etnocêntrico – a contaminação das considerações paradigmáticas pela cultura original do teórico (e.g. Deetz, 1996). Parker e McHugh (1991) sugeriram que uma abordagem mais realista é se comportar “como se” fosse um membro de uma comunidade do paradigma. Conduzir análises de paradigmas separadas ajuda a respeitar os pressupostos e os interesses das comunidades de pesquisa alternativas (Hassard, 1991). As considerações resultantes podem então servir como representações – imagens de uma realidade empírica destacada por lentes divergentes – para auxiliar os teóricos a compreender as várias idéias e interpretações sobre paradigmas, pois, assim como nos métodos antropológicos, os teóricos podem se debruçar em culturas de paradigmas menos familiares ou mesmo alheias, mas raramente se tornam parte delas.

O estágio de construção da teoria requer o alcance de uma perspectiva metaparadigmática; contudo, tal objetivo é igualmente desafiador. Os críticos (e.g. Parker e McHugh, 1991; Scherer, 1998) questionam: “Onde ‘se posiciona’ um teórico quando vê representações paradigmáticas simultaneamente?”. Em alguns modelos, os pesquisadores vêem essa fase como um exercício de reflexão paradoxal, levando os teóricos a reordenar as complementaridades e disparidades das lentes paradigmáticas (e.g. Gioia e Pitre, 1990; Poole e Van de Ven, 1989; Ybema, 1996). Nesse domínio abstrato, cada paradigma é visto como uma camada de contribuição de significados. As lentes paradigmáticas oferecem vários “instrumentos para a resolução de problemas, que preenchem as lacunas entre a imagem do fenômeno e o fenômeno em si” (Morgan, 1983, p. 21). A auto-reflexão crítica ajuda a reconhecer tanto o teórico quanto o que é teorizado como parte de um todo, ao passo que a metatriangulação explora e critica os processos de criação do conhecimento, prometendo um maior potencial explanatório.

Aplicações futuras

Conforme mencionamos anteriormente, a metatriangulação é particularmente apropriada para a investigação

dos amplos domínios da teoria organizacional, marcada por debates e por achados contraditórios. Por exemplo, Gioia e Pitre (1990) sugeriram aplicar a metatriangulação na exploração da comunicação e da socialização, e Schultz e Hatch (1996) a sugeriram na análise de questões de identidade organizacional, aprendizagem e cognição. Ao longo do estudo, identificamos debates em esferas de outras tecnologias organizacionais, tais como equipes de trabalho autogerenciadas, gestão da qualidade total, e práticas de estocagem *just-in-time*, indicadores de possíveis fenômenos de pesquisa. Nossas lentes paradigmáticas apresentaram também representações muito variadas das questões mais amplas sobre confiança, autoridade e controle. Como Teunissen (1996) atesta, as drásticas mudanças tecnológicas, as diversidades da força de trabalho, a competição e a globalização despertam a utilização de lentes alternativas, e aumentam a necessidade de interpretações que acomodem as tensões organizacionais, em vez de simplificá-las ou racionalizá-las demasiadamente.

Apelos para o retorno de uma ortodoxia intelectual – paradigma comum, coerente e hegemônico (e.g. Donaldson, 1985; Pfeffer, 1997) –, ou pela continuidade da proliferação e da polarização de paradigmas – abordagem pós-moderna do relativismo infrene (e.g. Feyerabend, 1975; Jackson e Carter, 1993) –, têm crescido no “contestado terreno” da teoria organizacional (Reed, 1996). Entretanto, proporcionar a teoria mais esclarecedora, inovadora e abrangente do novo milênio deve exigir uma consciência mais profunda dos modos alternativos de investigação e de suas complexas ligações.

A investigação multiparadigmática conta com o considerável e pouco utilizado potencial de expandir as atuais interpretações de fenômenos organizacionais complexos e paradoxais. Este artigo proporciona um extenso guia de modelos multiparadigmáticos e um claro mapa para construir teorias a partir de múltiplos paradigmas. Ao impor um modelo sistemático ao processo inerentemente confuso da construção teórica, a metatriangulação pode ajudar os teóricos a identificar os focos e as limitações de lentes paradigmáticas divergentes, cultivar suas contrastantes representações e acomodar interpretações díspares. A experiência resultante pode corresponder a uma observação provocativa, mas otimista de Popper:

Admito que, a todo o instante, somos prisioneiros de nossos modelos teóricos; nossas expectativas; nossas experiências passadas; e nossa linguagem. Mas somos prisioneiros em um sentido pickwickiano; se tentarmos, podemos escapar de nossos modelos a qualquer momen-

to. Admitidamente nos encontraremos em um modelo novo, porém melhor e mais espaçoso; e poderemos escapar dele novamente a qualquer momento. (POPPER, 1970, p. 86).

APÊNDICE

CONSIDERAÇÕES MULTIPARADIGMÁTICAS: TENSÕES DA TECNOLOGIA DE PRODUÇÃO AVANÇADA

Nossa “consideração funcionalista” representou os projetos de TPA como interações sistêmicas entre programas de atividades (grau de formalização do trabalho) e projetos de maquinaria (graus de automação) que podem aumentar a flexibilidade e o controle dos processos. Contudo, as organizações se esforçaram em atender contraditórias demandas de inovação e eficiência. Enquanto algumas experimentaram projetos criativos (por exemplo, equipes de operadores autônomas responsáveis pela programação computacional), a maioria era restrita às rotinas e lógicas existentes. Círculos viciosos e inerciais apareceram quando os atores reagiram aos novos problemas da TPA (por exemplo, gargalos e maquinaria não confiável) seguindo padrões do passado (por exemplo, os engenheiros ampliaram os programas de atividades e da maquinaria, aumentando o controle do processo, o que exacerbou a sensibilidade do sistema).

Nossa “consideração estruturalista radical” representou a TPA como um mecanismo tecnocrata que permitiu aos projetistas (gestores e engenheiros) objetivar seus interesses nos controles de trabalho menos importunos, como os monitoramentos computadorizados. A implementação da TPA tipificou um processo dialético mantido por “interesses políticos opostos”. O fato de os projetistas dependerem das habilidades dos operadores, não obstante tenha levado ao aumento das assimetrias de poder, e o desejo dos operadores de controlar seu trabalho, não obstante a precaução com a automação e as intenções da gerência, frequentemente levaram a crises (por exemplo, acidentes na produção e resistências). Enquanto os operadores utilizavam qualquer oportunidade para reafirmar o valor de suas habilidades, os projetistas frequentemente alegavam as crises como pretextos para a exclusão dos operadores do processo de implementação e para a maior racionalização da produção, o que intensificou os conflitos.

Nossa “consideração interpretativista” representou os significados locais da TPA e do trabalho, emergindo por

meio das experiências dos agentes com a TPA e entre si. Os atores procuraram dar sentido a suas tarefas computadorizadas mais ambíguas e conceituais. A comunicação aberta entre as subculturas ocupacionais auxiliou o desenvolvimento do novo, e compartilhou linguagens e competências conceituais. Contudo, as subculturas dos operadores e dos projetistas com frequência filtraram interações sociais por meio de seus “esquemas interpretativos conflitantes”. Conforme se intensificava a ansiedade em relação às mudanças, cada subcultura interpretava os problemas da produção e os comportamentos da outra, reafirmando suas normas e crenças nas respectivas competências ocupacionais, agravando assim os desentendimentos entre as subculturas.

Nossa “consideração humanista radical” representou a flexibilidade da automação e o trabalho conceitual mais homogêneo dos atores, enquanto expôs a ilegitimidade de “identidades sociais mutuamente excludentes” (isto é, “operador” e “projetista”). Alguns atores se comprometeram com debates esclarecedores, negociando intenções mais democráticas da TPA e de seus papéis na programação. Contudo, lutas territoriais estouravam com maior frequência conforme os atores mistificavam suas habilidades específicas. Os projetistas enfatizavam sempre seu discernimento técnico e o “poder” dos computadores, enquanto os operadores insistiam no valor do trabalho físico e na virilidade de suas habilidades manuais. Os ciclos de distorções comunicativas surgiam quando os atores tentavam reproduzir noções de superioridade e masculinidade, remontando a classes do passado e a preconceitos sexuais.

NOTA

Agradecemos ao editor da revista *Academy of Management Review* David Whetten, e aos três revisores anônimos, assim como a Blake Ashforth, Greg Bigley, Mark Davis, Gordon Dehler, David Kang, Mihaela Keleman, Ajay Mehra, Deb Rood e Kristen Taylor por seus comentários inspiradores nas versões preliminares deste artigo. Apresentamos um esboço prévio do trabalho em 1998, no encontro anual da Academy of Management.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLISON, G. T. *Essence of Decision: Explaining the Cuban Missile Crisis*. Boston: Little Brown, 1971.
- ALVESSON, M. *Consensus, Control and Critique: Three Paradigms of Work in Organization Research*. Aldershot, England: Avebury, 1987.
- ASTLEY, W. G.; VAN DE VEN, A. H. Central perspectives and debates in organizational theory. *Administrative Science Quarterly*, v. 28, n. 2, p. 245-273, 1983.

- BENSON, J. K. Organizations: a dialectical view. *Administrative Science Quarterly*, v. 22, n. 1, p. 1-21, 1977.
- BOUCHIKHI, H. Living with and building on complexity: a constructivist perspective on organizations. *Organization*, v. 5, n. 2, p. 217-232, 1998.
- BRADSHAW-CAMBALL, P.; MURRAY, V. Illusions and other games: a trifocal view of organizational politics. *Organization Science*, v. 2, n. 4, p. 379-398, 1991.
- BURRELL, G.; MORGAN, G. *Sociological Paradigms and Organizational Analysis*. Portsmouth, NH: Heinemann, 1979.
- CANNELLA, A. A. Jr.; PAETZOLD, R. L. Pfeffer's barriers to the advance of organizational science: A rejoinder. *Academy of Management Review*, v. 19, n. 2, p. 331-342, 1994.
- CLEGG, S. *Modern Organizations*. Thousand Oaks, CA: Sage, 1990.
- DE COCK, C.; RICKARDS, T.; WEAVER, G. R.; GIOIA, D. A. A rejoinder and reply from Weaver and Gioia. *Organization Studies*, v. 16, p. 669-676, 1995.
- DEAN, J. W. JR.; YOON, S. J.; SUSMAN, G. I. Advanced manufacturing technology and organization structure: empowerment or subordination? *Organization Science*, v. 3, n. 2, p. 203-229, 1992.
- DEETZ, S. Describing differences in approaches to organization science: rethinking Burrell and Morgan and their legacy. *Organization Science*, v. 7, n. 2, p. 191-207, 1996.
- DENZIN, N. K. *The Research Act*. New York: Wiley, 1978.
- DONALDSON, L. *In Defense of Organization Theory: A Reply to the Critics*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1985.
- EISENHARDT, K. M. Building theories from case study research. *Academy of Management Review*, v. 14, n. 4, p. 535-550, 1989.
- FEYERABEND, P. *Against Method*. London: New Left Books, 1975.
- FOUCAULT, M. *Power/knowledge*. New York: Pantheon, 1980.
- GAVENTA, J. *Power and Powerlessness: Quiescence and Rebellion in an Appalachian Valley*. Urbana, IL: University of Illinois Press, 1980.
- GIOIA, D. A.; DONNELLON, A.; SIMS, H. Communication and cognition in appraisal. *Organization Studies*, v. 10, n. 4, p. 503-529, 1989.
- GIOIA, D. A.; PITRE, E. Multiparadigm perspectives on theory building. *Academy of Management Review*, v. 15, n. 4, p. 584-602, 1990.
- GIOIA, D. A.; THOMAS, J. B. Identity image, and issue interpretation: Sensemaking during strategic change in academia. *Administrative Science Quarterly*, v. 41, n. 3, p. 370-403, 1996.
- GLASER, B. G.; STRAUSS, A. L. *The Discovery of Grounded Theory: Strategies for Qualitative Research*. Chicago: Aldine, 1967.
- GRAHAM-HILL, S. Small business strategy: a multiparadigm perspective. (Unpublished doctoral dissertation). Lexington: University of Kentucky, 1996.
- GRIMES, A. J.; ROOD, D. L. Beyond objectivism and relativism: descriptive epistemologies. In: JONES III, J. P.; NATTER, W.; SCHATZKI, T. R. (Eds.). *Objectivity and its other*. New York: Guilford, 1995. p. 161-178.
- GRINT, K. *The Sociology of Work: An Introduction*. London: Polity Press, 1991.
- GUBA, E. G.; LINCOLN, Y. S. *Fourth Generation Evaluation*. Newbury Park, CA: Sage, 1989.
- GUBA, E. G.; LINCOLN, Y. S. Competing paradigms in qualitative research. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.). *The Landscape of Qualitative Research*. Thousand Oaks, CA: Sage, 1998. p. 195-220.
- HABERMAS, J. *Towards Rational Society*. London: Heinemann, 1971.
- HASSARD, J. Multiple paradigms and organizational analysis. A case study. *Organization Studies*, v. 12, n. 2, p. 275-299, 1991.
- JACKSON, N.; CARTER, P. "Paradigm wars": a response to Hugh Willmott. *Organization Studies*, v. 14, n. 5, p. 721-725, 1993.
- KAGHAN, W.; PHILLIPS, N. Building the Tower of Babel: communities of practices and paradigmatic pluralism in organization studies. *Organization*, v. 5, n. 2, p. 191-216, 1998.
- KUHN, T. S. *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago: University of Chicago Press, 1970.
- LEE, A. S. Integrating positivist and interpretivist approaches to organizational research. *Organization Science*, v. 2, n. 4, p. 342-365, 1991.
- LEWIS, M. W. Advanced manufacturing technology design: a multiparadigm study. (Unpublished doctoral dissertation). Lexington: University of Kentucky, 1996.
- LUKES, S. *Power: A Radical View*. London: Macmillan, 1974.
- MANGHAM, I. L.; OVERINGTON, M. A. Dramatism and the theatrical metaphor. In: MORGAN, G. (Ed.). *Beyond Method*. Beverly Hills, CA: Sage, 1983. p. 219-233.
- MARTIN, J. *Cultures in Organization*. Oxford, UK: Oxford University Press, 1992.
- MINTZBERG, H. An emerging strategy of "direct" research. *Administrative Science Quarterly*, v. 24, n. 4, p. 582-599, 1979.
- MORGAN, G. (Ed.). *Beyond Method*. Beverly Hills, CA: Sage, 1983.
- MORGAN, G. *Images of Organization*. Thousand Oaks, CA: Sage, 1997.
- Organization*. 1998. v. 5, n. 2 (Special Issue).
- PARKER, M.; MCHUGH, G. Five texts in search of an author: a response to John Hassard's "Multiple paradigms and organizational analysis". *Organization Studies*, v. 12, n. 3, p. 451-456, 1991.
- PFEFFER, J. Mortality, reproducibility, and the persistence of styles of theory. *Organization Science*, v. 6, n. 6, p. 681-686, 1997.
- PONDY, L.; BOJE, D. M. Bring the mind back in. In: EVAN, W. (Ed.). *Frontiers in Organization and Management*. New York: Praeger, 1981. p. 83-101.
- POOLE, M. S.; VAN DE VEN, A. H. Using paradox to build management and organization theories. *Academy of Management Review*, v. 14, n. 4, p. 562-578, 1989.

POPPER, K. Normal science and its dangers. In: LAKATOS, I.; MUSGRAVE, A. (Eds.). *Criticism and the Growth of Knowledge*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1970. p. 51-58.

REED, M. Organizational theorizing: a historically contested terrain. In: CLEGG, S. R.; HARDY, C.; NORD, W. R. (Eds.). *Handbook of organization studies*. Thousand Oaks, CA: Sage, 1996. p. 409-423.

REED, M. In praise of duality and dualism: rethinking agency and structure in organizational analysis. *Organization Studies*, v. 18, n. 1, p. 21-42, 1997.

ROBERTS, K. H.; GRABOWSKI, M. Organizations, technology, and structuring. In: CLEGG, S. R.; HARDY, C.; NORD, W. R. (Eds.). *Handbook of Organization Studies*. Thousand Oaks, CA: Sage, 1996. p. 409-423.

SCHERER, A. G. Pluralism and incommensurability in strategic management and organization theory: a problem in search of a solution. *Organization*, v. 5, n. 2, p. 147-168, 1998.

SCHULTZ, M.; HATCH, M. J. Living within multiple paradigms: the case of paradigm interplay in organizational culture studies. *Academy of Management Review*, v. 21, n. 2, p. 529-557, 1996.

SMIRCICH, L. Concepts of culture and organizational analysis. *Administrative Science Quarterly*, v. 28, n. 3, p. 339-358, 1983.

SMITH, K. K.; BERG, D. N. *Paradoxes of Groups*. San Francisco: Jossey-Bass, 1987.

SPENDER, J.-C. Pluralist epistemology and the knowledge-based theory of the firm. *Organization*, v. 5, n. 2, p. 233-256, 1998.

STABLEIN, R. Data in organization studies. In: CLEGG, S. R.; HARDY, C.; NORD, W. R. (Eds.). *Handbook of Organization Studies*. Thousand Oaks, CA: Sage, 1996. p. 509-525.

STEFFY, B. D.; GRIMES, A. J. A critical theory of organization science. *Academy of Management Review*, v. 11, n. 2, p. 322-336, 1986.

SUTTON, R. I.; RAFAELI, A. Untangling the relationship between displayed emotions and organizational sales: the case of convenience stores. *Academy of Management Journal*, v. 31, n. 3, p. 461-487, 1988.

TEUNISSEN, J. Paradoxes in social science and research. In: KOOT, W.; SABELIS, I.; YBEMA, S. (Eds.). *Contradictions in Context*. Amsterdam: Vrije Universiteit, 1996. p. 17-38.

WEAVER, G. R.; GIOIA, D. A. Paradigms lost: Incommensurability vs. structurationist inquiry. *Organization Studies*, v. 15, n. 4, p. 565-590, 1994.

WEICK, K. E. Theory construction as disciplined imagination. *Academy of Management Review*, v. 14, n. 4, p. 516-531, 1989.

WILLMOTT, H. Breaking the paradigm mentality. *Organization Studies*, v. 14, n. 5, p. 681-719, 1993.

WITTGENSTEIN, L. *Philosophical Investigations*. Oxford, UK: Blackwell, 1963.

YIN, R. K. *Case Study Research: Design and Methods*. Newbury Park, CA: Sage, 1989.

YBEMA, S. A duck-billed platypus in the theory and analysis of organizations: combinations of consensus and dissensus. In: KOOT, W.; SABELIS, I.; YBEMA, S. (Eds.). *Contradictions in Context*. Amsterdam: Vrije Universiteit, 1996. p. 39-61.

ZEY-FERRELL, M.; AIKEN, M. *Complex Organizations: Critical Perspectives*. Glenview, IL: Scott, Foresman, 1981.

Artigo originalmente publicado sob o título "Metatriangulation: building theory from multiples paradigms", na *Academy of Management Review*, v. 24, n. 4, p. 672-690, 1999.

Copyright 2005 Academy of Management. Todos os direitos são reservados. Nenhuma parte deste artigo pode ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a permissão por escrito da Academy of Management. Para obter autorização, entre em contato com Copyright Clearance Center: www.copyright.com.

Artigo convidado. Aprovado em 05.11.2004.

Marianne W. Lewis

Professora de Administração na University of Cincinnati. Doutora em Administração pela University of Kentucky.

Interesses de pesquisa nas áreas de tensões, conflitos e paradoxos que impedem ou possibilitam a inovação, particularmente em tecnologia de produção avançada, desenvolvimento de produtos e teoria organizacional.

E-mail: marianne.lewis@uc.edu

Endereço: 102a Carl H. Lindner Hall, PO Box 210165, Cincinnati – Ohio – Estados Unidos, 45221-0165.

Andrew J. Grimes

Professor de Administração e membro do Comitê de Teoria Social da University of Kentucky. Doutor em Administração pela University of Minnesota.

Interesses de pesquisa nas áreas de organizações alternativas, poder, perspectivas críticas da administração e teoria organizacional radical.

E-mail: grimes@uky.edu